

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FERNAND DELIGNY
RIO DE JANEIRO 25-27 AGOSTO 2016

cronologia

- 1913** Nasce em 7 de novembro em Bergues (Nord-Pas-de-Calais-Picardie), filho do segundo casamento de Louise Laqueux (neta do responsável pela Federação Anarquista em Ardennes) e Camille Deligny (que será morto em combate em 1917 durante a Primeira Guerra).
- 1919-1931** Fernand Deligny, em 1919, obtém a condição de “Pupile de la nation”, como órfão de guerra. Faz seus estudos contando com a presença do avô materno, e é considerado aluno excelente. Nos anos 20 irá morar em Lille, pratica escotismo laico, e conclui os estudos secundários em 1931.
- 1931-1936** Recusa seguir a carreira militar, apesar da pressão familiar. Começa os estudos preparatórios para os concursos das Grandes Escolas, que abandona para cursar Filosofia e Psicologia na Universidade de Lille – mas passa a maior parte do seu tempo nos cinemas da cidade e nos cafés. Entre 1933-1935 é redator chefe da revista Lille Université, onde publica crônicas, críticas de filmes e outros textos. Nessa época começa a frequentar o Asilo de Armentières (perto de Lille). E, na sequência de manifestações fascistas, ele se inscreve na Juventude Comunista e participa da organização dos estudantes comunistas na universidade. Logo depois inicia seu serviço na Escola Militar de Paris, na infantaria.
- 1937-1939** Vive em Paris com Josette Saleil, que conhecera em Lille. Em 1938, o pai de François Châtelet (amigo de infância de Deligny) lhe oferece um posto de professor substituto na escola primária da Rue de la Brèche-aux-Loups, onde permanece quatro meses. Completará o ano letivo em outra escola, em Nogent-sur-Marne. Seus “métodos” educacionais recusavam o uso de cadernos e incluíam passeios no Bosque de Vincennes com os alunos, além de jogos de mímica. Em 1939 aceita outro posto, agora no asilo de Armentières (rebatizado de Hospital Psiquiátrico dois anos antes), uma das mais importantes instituições de saúde mental da França. Casa com Josette Saliel e se muda para Armentières.
- 1939-1940** Mobilizado pelo Exército no regimento de infantaria de Lille, que parte para os Países Baixos. No ano seguinte, após o armistício (com a derrota francesa e a ocupação alemã) é desmobilizado e retorna para Armentières (agora sob controle alemão) e retoma suas atividades no Instituto Médico Pedagógico/IMP (para crianças com “atraso intelectual”).
- 1941-1942** O asilo é bombardeado. Deligny se torna educador no Pavilhão 3, encarregado das crianças consideradas “atrasadas e ineducáveis”. Lá ele impõe a supressão dos castigos, organiza ateliers, jogos e passeios com os guardiães (operários desempregados, artesãos, ex-detentos). Em 1942 obtém o certificado de aptidão ao ensino de crianças “atrasadas”.
- 1943** Deixa Armentières e retorna a Lille. O governo de Vichy lhe propõe a direção da prevenção da delinquência juvenil na região Norte. Criação da Arsea (associação regional de salvaguarda da infância e da adolescência), na qual ocupa o cargo de conselheiro técnico.
- 1944** Publicação de Pavillon 3 e de uma série de artigos no Pour l'enfance coupable (publicação do Ministério da Justiça voltada para o estudo e a prevenção do crime), com Paul Guilbert (diretor médico do IMP). Em setembro, liberação de Lille.
- 1945** Deligny é nomeado diretor do primeiro Centro de observação e triagem (COT) da região Norte, em Lille. Ele concebe o centro (que reúne 80 adolescentes) como um lugar aberto, recruta monitores no meio sindical e operário e entre os desempregados. Muitos adolescentes que fugiam de casas de correção se refugiam no COT. Publicação de Graine de Crapulle Conseils aux éducateurs que voudraient la cultiver.

- 1946** Publicação de *Puissants personnages*, dedicado à Catherine, filha de Deligny e Josette, nascida no ano anterior. Em maio a direção da Arsea põe fim às funções de Deligny. Ele aceita dirigir um estágio de formação de educadores em Montesson (Yvelines), mas pede demissão logo depois. Conhece Hugette Dumoulin, militante comunista e responsável, desde 1943, pelo Centro laico dos albergues da juventude em Paris. Deligny é nomeado diretor regional do Trabalho e cultura. Organiza projeções de filmes e conhece o crítico de cinema André Bazin e o documentarista Chris Marker.
- 1947** Hugette Dumoulin organiza, em Lille, a Union des jeunes filles de France du Nord. Na primavera, ela e Deligny realizam um espetáculo em Paris nas Arènes de Lutèce, interpretado por aprendizes da indústria têxtil. Deligny concebe a criação de uma rede de atendimento para adolescentes delinquentes, com a ajuda de militantes da educação popular e dos albergues da juventude. Primeiras reuniões que preparam a Grande Cordée, no Laboratório de psicobiologia da infância, dirigido por Henri Wallon. Publicação de *Vagabonds efficaces*.
- 1948** Publicação dos estatutos da Grande Cordée, associação presidida por Henri Wallon. O conselho administrativo é composto por vários militantes comunistas. Os primeiros adolescentes são confiados à instituição. Deligny adere ao PCF – ele envia sua inscrição para Maurice Thorez (secretário geral do PCF entre 1930 e 1964) com um exemplar de *Vagabonds efficaces*. É convidado a se candidatar pelo partido nas eleições municipais, mas recusa.
- 1949-1954** Publicação de *Les Enfants ont des oreilles*. Em 1953, por falta de recursos, a Grande Cordée reduzirá suas atividades. Início da redação de Adrien Lomme.
- 1955-1957** Início da correspondência com Irène Lézine, psicóloga, militante do PCF e autora de uma biografia sobre Anton Sémionovitch Makarenko. Deligny planeja um filme sobre a experiência da Grande Cordée (mas apenas algumas sequências são filmadas). Desde 1948 a rede recebeu 134 adolescentes, e prosseguirá operando precariamente até o início dos anos 60.



Jean-Pierre Léaud na sequência final de *Os Incompreendidos*.

- 1958-1962** Publicação de Adrien Lomme. François Truffaut procura Deligny para a elaboração das cenas finais do roteiro de *Les quatre cents coups* (*Os incompreendidos*), seu primeiro longa, e que receberá o prêmio de melhor diretor no Festival de Cannes em 1959. Início da correspondência entre ambos, que dura até os anos 70, e de várias tentativas de colaboração em projetos de filmes – em 1968, Suzanne Schiffman, roteirista de Truffaut, irá a Cevennes para filmar *Janmari*, que servirá de modelo para *L'Enfant Sauvage*, lançado em 1970. Em 1962 se encerra a experiência da Grande Cordée.

- 1962-1964** Filmagem de *Moindre Geste*.
- 1965-1966** Jean Oury e Félix Guattari convidam Deligny e seus colaboradores a integrar *La Borde*. Em 1966, Jean-Mari J. "Janmari", diagnosticado como "encéfalo profundo" é confiado à Deligny.
- 1968** No dia 14 de julho, Deligny deixa *La Borde* e se instala em Gourgas, em uma propriedade de Félix Guattari transformada em lugar de encontro de intelectuais e militantes de extrema esquerda. Deligny escreve panfletos contra a Guerra do Vietnam. Publicação dos *Cahiers de la Fgéri*, nos quais Deligny formula os princípios de uma rede de acolhimento de crianças autistas. Recusa o convite de Guattari para intervir nos eventos de Maio.
- 1969** Começo de uma nova tentativa com crianças autistas. Maud Mannoni, Françoise Dolto e Émile Monnerot (chefe da psiquiatria do hospital psiquiátrico de Marselha) lhe confiam as primeiras crianças. Jacques Lin se instala em Graniers, onde Janmari permanece. Outras crianças vivem em Monoblet. É a rede de origem. Primeiras cartas e linhas de erro. Publicação dos *Cahiers de l'Aire*, do qual Deligny participa até 1972.
- 1970-1974** Publicação de *Vagabonds Efficaces et autres récits*. Criação da associação *Les Neumes*, destinada a sustentar a tentativa em Cévennes. Cerca de quinze crianças vêm passar o Natal na rede. Fim da montagem, financiada com apoio de Chris Marker, de *Le Moindre Geste*. O filme é selecionado e apresentado na Semana da Crítica do Festival de Cannes de 1971 (mas só entrará em circuito na França em 2004). Jacques Lin instala um novo acampamento em Serret com várias crianças autistas – o local se torna o "laboratório" da rede. Em 1972, após ver *Le Moindre Geste*, Renaud Victor visita Deligny com seu irmão, que tem sintomas de autismo. Victor tem intenção de fazer um filme sobre a rede e se instala em Monoblet. Começo da colaboração entre ambos. Em 1973, Jean e Dominique Lin, de dezoito e dezessete anos, abandonam os estudos e se juntam ao irmão Jacques. Na época, três crianças vivem permanentemente na rede: Christophe B., Gilles T. e Janmari. As demandas de estágio se multiplicam. Começo da filmagem de *Ce Gamin là*, dirigido por Renaud Victor e produzido por François Truffaut e outros. Pierre-François Moreau visita Deligny – em 1978 ele publicará *Fernand Deligny et les idéologies de l'enfance*, com posfácio de Deligny. O grupo de rock britânico *Pink Floyd* faz uma doação que permite a compra da casa de Graniers, habitada por Deligny.
- 1975-1977** Publicação de *Nous et l'innocent*, escrito com Isaac Joseph, e de três números dos *Cahiers de l'immuable*, pela revista *Recherches*. Apresentação de *Ce Gamin là* no Festival de Cinema de Grenoble. O filme entra em circuito em Paris em salas de cinema e nos meios da educação especial, seguido de vários artigos, resenhas e matérias jornalísticas. Em meados de 1976 começa a correspondência com Louis Althusser – que o visitará em 1977. Deligny solicita ao INA (Instituto Nacional do Audiovisual) o material necessário para a instalação de uma unidade de vídeo.
- 1978-1983** Dossiê sobre Deligny na *Nouvelle Critique*, por Marie Bonnafé. Publicação de *Balivernes* por um pote, dedicado a Guattari. Publicação de *Le croire et le craindre*, escrito com Isaac Joseph. Deligny escreve o texto *Quand le bonhomme n'y est pas*, comentário do Livro II do Seminário de Jacques Lacan. 1980/abril: publicação de *Singulière ethnique*; maio: exposição *Cartes et figures de la terre* no Centro Pompidou; setembro, publicação de *La septième face Du dé* e de um dossiê em *La Quinzaine littéraire* sobre Deligny; novembro: publicação de *Enfants et le silence*. Montagem das sequências gravadas na rede por Pierre Deiber, para o Centro regional para a infância e adolescência inadaptadas de Lyon, sob o título *Le faire et l'Agir* – acompanhado pela voz off de Deligny, o documentário será usado na formação de educadores.

1981: redação de L'Arachnéen; 1982: redação de Acheminement ver l'image. 1983: redação de vários textos, entre eles A comme Asile e L'Éloge de l'asile (que serão publicados em 1999); 1983/setembro: publicação de Camérier (outros dois textos com esse título serão publicados em 2001 e 2004).

1984-1989

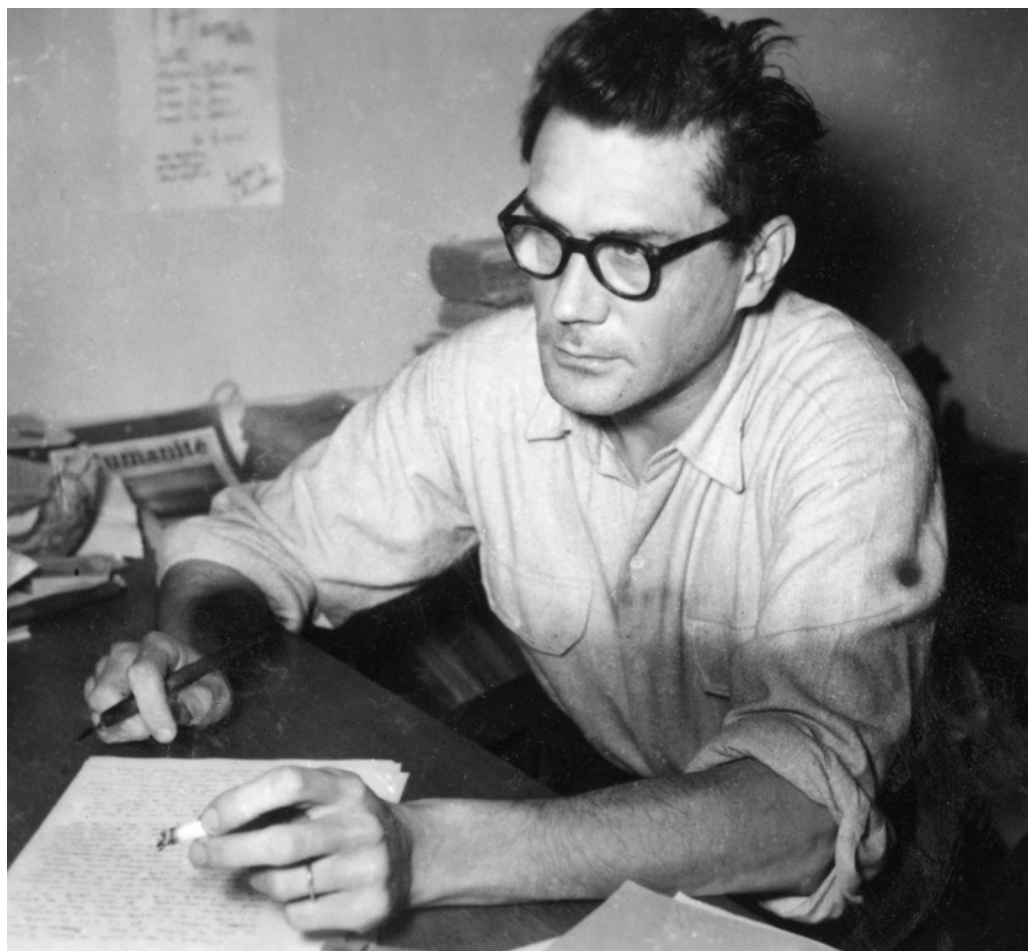
Deligny é hospitalizado com dupla úlcera estomacal. Desmobilização da rede, mas Deligny, Jacques Lin e Gisèle Durand permanecem em Graniers com Cristophe B., Janmari e Gilles T. 1985: Deligny e Renaud Victor escrevem o roteiro de um longa-metragem chamado Toits d'asile, cuja gravação será interrompida e enfim retomada, resultando no filme Fernand Deligny. À propos d'un film à faire, produzido em sociedade com emissoras de televisão. 1988: Deligny começa a escrever o relato autobiográfico L'Enfant de citadelle, que abandonará em 1993.

1990-1996

Exibição na televisão francesa de Fernand Deligny. À propos d'un film à faire. Os Cahiers du cinema publicam dossiê sobre o filme. 1994: Deligny hospitalizado com fratura no quadril – ele retornará a Graniers, mas ficará praticamente imobilizado. Falece em Graniers em 18 de setembro de 1996.

2002

Janmari falece em 11 de junho.



Esta cronologia é um resumo da "Chronologie" presente em Fernand Deligny Oeuvres, Édition établie et présentée par Sandra Alvarez Toledo. Éditions de L'Arachnéen, Paris, 2007, pp. 1820-1831.

1945

Graine de crapule

Há três fios que é preciso tecer conjuntamente: o individual, o familiar e o social. Mas o familiar está um pouco podre, o social está cheio de nós. Então se tece somente o individual. E a gente fica surpreso de não ter feito senão um trabalho de remendo, artificial e frágil

Il y a trois fils qu'il faudrait tisser ensemble: l'individuel, le familial, le social. Mais le familial est un peu pourri, le social est plein de nœuds. Alors on tisse l'individuel seulement. Et l'on s'étonne de n'avoir fait que de l'ouvrage de dame, artificiel et fragile.

Quando você tiver passado trinta anos da sua vida revisando os sutis métodos psico-pediátricos, médico-pedagógicos, psicalo-pediatécnicos, às vésperas de se aposentar, você pegará uma boa dose de dinamite e irá discretamente explodir alguns barracos em uma favela. Em um segundo, você terá trabalhado mais do que em trinta anos.

Quand tu auras passé trente ans de ta vie à mettre au point de subtiles méthodes psycho-pédiatriques, médico-pédagogiques, psychanalo-pédotechniques, à la veille de la retraite, tu prendras une bonne charge de dynamite et tu iras discrètement faire sauter quelques pâtés de maisons dans un quartier de taudis. Et en une seconde, tu auras fait plus de travail qu'en trente ans.

1947

Les Vagabonds efficaces

Educadores...? Quem são vocês? Formados, como se diz, em estágios ou em cursos nacionais e internacionais, instruídos sem nenhuma preocupação prévia em saber se vocês têm no estômago um mínimo de intuição, de imaginação criadora e de simpatia com o homem; embebidos em um vocabulário médico-científico e em técnicas esboçadas; vocês, vindos em grande parte da burguesia, são largados ainda enclausurados em vocês mesmos, em plena miséria humana. E ano sim, ano não, algumas marionetes aqui, outros corais ali, testes e tretas, complexos e estatísticos, congressos e relatórios tecem uma manta de camuflagem em torno desse misterioso lixo social da infância inadaptada que morre em favelas, dá errado em casas burguesas e define ainda mais frequentemente do que se admite nos anexos de prisão ou em estabelecimentos inumanos.

Éducateurs... ? Qui êtes-vous ? Formés, comme on dit, dans des stages ou dans des cours nationaux ou internationaux, instruits sans aucun souci préalable de savoir si vous avez dans le ventre un minimum d'intuition, d'imagination créatrice et de sympathie envers l'homme, abreuvés de vocabulaire médicoscientifique et de techniques esquissées, on vous lâche, pour la plupart enfantins issus de bourgeois, encore tout encoquillés dans vous-mêmes, en pleine misère humaine. Et bon an, mal an, petites marionnettes par-ci, petits chœurs par-là, tests et pipeaux, complexes et statistiques, congrès et rapports tissent un filet de camouflage sur cette mystérieuse ordure sociale de l'enfance inadaptée qui crève en taudis, tourne mal en maison bourgeoise et croupit encore bien plus souvent qu'on ne veut le dire dans des annexes de prison ou d'inhumains établissements.

Um desenho de criança não é uma obra de arte: é um chamado a novas circunstâncias.

*Un dessin d'enfant n'est pas une œuvre d'art:
c'est un appel à des circonstances nouvelles.*

Aexasperação dos seres machucados por condições sociais de uma desonestidade intolerável e as impaciências de crianças maltratadas por adultos desajeitados se exprimem através dos mesmos signos. Quando o povo se libertar e ousar andar com seus próprios pés, a obra de arte tomará para ele formas, cores e músicas familiares. Será preciso, por favor, libertar ao mesmo tempo as crianças e pôr junto delas educadores com presença ligeira, provocadores de alegria, sempre prontos a amassar novamente a argila, vagabundos eficazes maravilhados pela infância.

L'exaspération des êtres blessés par des conditions sociales d'une intolérable malhonnêteté et les impatiences d'enfants brimés par des adultes maladroits s'expriment par les mêmes signes. Quand le peuple se sera délivré et osera marcher à ses pas, l'œuvre d'art se fera pour lui formes, couleurs et musiques familières. Il faudra, s'il vous plaît, délivrer du même coup les enfants et mettre auprès d'eux des éducateurs à la présence légère, provocateurs de joie, toujours prêts à repétrir l'argile ronde, vagabonds efficaces émerveillés d'enfance.

1948

Les Enfants ont des oreilles

Os desenhos, nesse livro, não são ilustrações. Eles substituem a presença real dos objetos – personagens propostos, e você perceberá, se traçar à mão suas linhas improvisadas, que esse traçado conduz a sequência da história após um momento de suspensão. Se o contador de histórias fala sozinho, as imaginações individuais do público correm o risco de se perderem em lembranças pessoais e em vias secretas. E assim, o público se torna menos ativo. Para reencontrar a unanimidade das imaginações, necessária à criação coletiva que sua voz exprime, algumas linhas no quadro negro reconduzirão as imaginações perdidas aos personagens em questão.

Les dessins, dans ce livre, ne sont pas des illustrations. Ils remplacent la présence réelle des objets – personnages proposés, et tu t'apercevras, si tu traces à la main leurs lignes improvisées, que ce tracé t'apporte la suite de l'histoire un moment suspendue. Si le conteur parle seul, les imaginations individuelles des auditeurs risquent de s'égarer sur des souvenirs personnels et des pistes secrètes. Autant d'auditeurs actifs en moins. Pour retrouver l'unanimité des imaginations nécessaires à la création collective que ta voix exprime, quelques lignes à la craie sur le tableau noir ramèneront les imaginations égarées sur le personnage en question.

O não-saber, eis a fonte viva das verdadeiras histórias

L'insu, voilà la source vive des vraies histoires.

O que importa é ousar, abandonar nesse caso toda intenção de informação, de formação, de pressão prematura ou enfadonha. O que o adulto deseja exigir e provar à criança é suspeito.

Ce qui importe c'est d'oser, d'abandonner en l'occurrence toute intention d'information, de formation, de pression prématurées ou lassantes. Ce que l'adulte veut prétendre et prouver à l'enfant est suspect.

O moleque lá, de pé, e ainda surpreso de estar ali, tinha talvez desenhado um retângulo do mesmo modo que ele havia visto recentemente alguém desenhar uma tal figura nesse quadro, pelo mestre ou pelos outros. Mas ele não tinha, sem dúvida alguma, memorizado a palavra 'retângulo'. Jamais me teria vindo à cabeça a ideia de perguntá-lo: "O que você fez? O que você quis fazer?". Eu me sentiria fazendo o papel do interrogador, do lado errado da inquisição. Um desenho pode ser interrogado, mas não um traçar que claramente não representa nada, mesmo que o autor tenha tido intenções. E ali, então, eu me entregava. Entregava-me, deixando de lado um certo domínio da situação. Não tenhamos medo das palavras. Eu me entregava e soltava: "era uma vez um banco que havia perdido seus pés". Acontecia do moleque olhar o que ele havia traçado, espantado. Entre os "alunos", alguns sem dúvida se perguntavam: "um banco? ELE é capaz de desenhar um banco. Não é um banco".

Le gamin là debout, et toujours surpris d'y être là, avait peut-être dessiné un rectangle ainsi qu'il l'avait vu faire récemment sur ce tableau même par le maître ou les autres. Le mot « rectangle », il ne l'avait sans doute pas retenu. Il ne me serait jamais venu à l'idée de demander : « Mais qu'est-ce que tu fais ? Qu'est-ce que tu as voulu faire ? » Je m'y serais senti, à jouer ce rôle de questionner, du mauvais côté de l'inquisition. Un dessin peut s'interroger, pas un tracer dont il est entendu qu'il ne représente rien, quelles que soient les intentions de son auteur. Et à partir de là, je lâchais la bride à une certaine maîtrise, n'ayons pas peur des mots. Je lâchais : « Il était une fois un banc qui avait perdu ses pieds. » Il arrivait que le gamin regarde ce qu'il avait tracé, stupéfait. Parmi les « élèves », certains à coup sûr pensaient : « Un banc ? IL est capable de dessiner un banc. C'est pas un banc. »

1955

La Caméra, outil pédagogique

É preciso que as crianças não acreditem que aquilo que elas assistem no cinema é uma amostra em estado bruto da realidade. Elas precisam saber que se trata de uma "linguagem". Elas não podem sabê-lo senão experimentando elas próprias essa "linguagem" a fim de percebê-la sem serem enfeitadas. Eu pensei que o cinema teria seu lugar em um organismo como o nosso que quer ajudar adolescentes com dificuldades. Não é questão, é claro, que cada um tenha sua câmera, mas é preciso que esta ferramenta esteja realmente à disposição daqueles que queiram utilizá-la para contar em uma sequência de imagens o que eles veem na vida que vivem.

Il ne faut pas que les enfants croient que ce qu'ils voient au cinéma est un échantillon brut de réalité. Ils doivent savoir qu'il s'agit d'un « langage ». Ils ne peuvent le savoir vraiment que s'ils s'essaient eux-mêmes à ce « langage » afin de le percevoir sans en être envoûtés. J'ai pensé que le cinéma avait sa place dans un organisme comme le nôtre qui veut aider des adolescents en difficulté. Il n'est évidemment pas question que chacun ait sa caméra, mais il est nécessaire que cet outil-là soit réellement à la disposition de ceux qui veulent s'en servir pour raconter en quelques suites d'images ce qu'ils voient de la vie qu'ils vivent.

1971

Quand même il est des nôtres (à propos du Moindre geste)

Meu projeto, guiando a filmagem, era de dar àqueles que veriam as imagens a sua parte deste ser aí que eu via e ouvia viver conosco há seis ou sete anos, tal como ele é em suas atitudes, gestos e palavras, familiar e esplêndido, palavra em vacância e subitamente eloquente e apressada e, no fluxo falado, eu reconhecia, na confusão, essa palavra que nos faz o que somos e que reina, universal, histórica, demonstrativa, mortal.

Mon projet, en guidant la prise d'images, était de donner à ceux qui les verraient leur part de cet être-là que je voyais et entendais vivre avec nous depuis six ou sept ans, tel qu'en ces attitudes, gestes et propos, il était, familier et superbe, parole vacante et tout à coup loquace et vitupérant et, dans le flot parlé, je reconnaissais, à s'y méprendre, cette parole qui nous fait ce que nous sommes et qui règne, universelle, historique, démonstrative, cocasse, meurtrière.

1975

Cahiers de l'immuable/2 ("Ce Gamin-là")

Quem são ELES, esses-aí, próximos, e que vivem de bom grado nos confins desse mundo do verbo que dizem ser o humano mesmo?

Do povo, é preciso dizê-lo.

INICIATIVA POPULAR, essa brecha nas soluções de reclusão, mesmo que disfarçadas. Para que uma criança possa acontecer em outros que nos lugares previstos pelo Estado por seu estado, é bem preciso que alguns adultos sejam arrancados da força de atração do emprego que os esperava, aqui ou acolá, e decidam viver na busca incessante desse 'nós outros, aí' que permita a essas crianças não permitidas de ousar, de ousar ser, estando o verbo aí ou não.

Qui sont-ILS, ceux-là, proches, et qui vivent de leur plein gré aux confins de ce monde du verbe dont on nous dit qu'il est l'humain même ?

Du peuple, il faut le dire.

INITIATIVE POPULAIRE, cette brèche dans les solutions de réclusion, seraient-elles déguisées.

Pour qu'un enfant puisse avoir lieu ailleurs que dans les lieux prévus par l'État pour son état.

Il faut bien que quelques adultes se soient arrachés à la force d'attraction de l'emploi qui les attendait, ici ou là, et décident de vivre à la recherche incessante d'un « nous-autres là » qui permettent à ces enfants « interdits » d'oser, d'oser être, que le verbe y soit ou n'y soit pas.

Nous et l'Innocent

[...] enquanto as tentativas realizadas anteriormente, ricocheteando de uma pesquisa por uma "causa comum" entre cuidadores e pacientes, reeducadores e reeducados, haviam se deparado com a "ordem das coisas", com as instituições atuais, tratava-se, dessa vez, a partir da vacância da linguagem vivida por essas crianças-aí, de tentar ver até onde nos institui o uso inveterado de uma linguagem que nos faz o que somos, ou, em outras palavras, de considerar a linguagem a partir da 'posição' de uma criança muda como é possível 'ver' a justiça – ou no que ela resulta – da 'janela' de um garoto delinquente.

[...] alors que les tentatives menées antérieurement, en ricochet, à la recherche d'une "cause commune" entre soignants et soignés, rééducateurs et rééduqués, s'étaient heurtés à « l'ordre des choses », aux institutions ambiantes, il s'agissait, cette fois-ci, à partir de la vacance du langage vécue par ces enfants-là, de tenter de voir jusqu'où nous institue l'usage invétéré d'un langage qui nous fait ce que nous sommes, autrement dit de considérer le langage à partir de la « position » d'une enfant mutique comme on peut « voir » la justice - ce qu'il en est de – « de la fenêtre » d'un gamin délinquant.

O que salvará talvez essa espécie nossa, o que lhe permitirá escapar da órbita languageira na qual eis que ela fora lançada, será se o minúsculo fragmento de Verbo advier desse balançar onde o sentido se inverte. [...] Será necessário, sem dúvida e sempre, desesperadamente, alguns que aí se encontrem à deriva, como se eles tivessem perdido o entendimento, qualquer que seja o instituído proclamado, para que a hipocrisia pretensiosa do verbo reinante apareça para quem nele se fia. Por isso eu escrevo.

Ce qui la sauvera peut-être, cette espèce-ci, ce qui lui permettrait de s'en tirer de l'orbite langagière sur laquelle la voilà lancée, c'est que la moindre bribe de Verbe en advient de ce balancer où le sens s'inverse. [...] Il s'en faudra sans doute et toujours, éperdument, de quelques-uns qui s'y retrouveront, à la dérive, comme s'ils l'avaient perdu l'entendement, quel que soit l'institué proclamé, pour que l'hypocrisie prétentieuse du verbe régnant apparaisse à qui s'y fie. Ce pour quoi j'écris.

Cem outros lugares, eis o que é preciso tramar. A existência de uma criança autista só pode se tramar na trama de uma existência muito cotidiana, aqui e ali, de alguns indivíduos. [...] Comunicação, relação, transmissão. Todas estas palavras em 'ão', é preciso filtrar e refiltrar o que as impregna de poluição cultural. O mínimo gesto pode ser um sinal para uma criança que vive fora deste uso da palavra em nós inveterada. Eu escrevi: para e não: à. Tratar-se-ia de uma arte de viver?

Cent autres lieux, voilà ce qu'il faut tramer. L'existence d'un enfant autiste ne peut se tramer que dans la trame de l'existence très quotidienne, là et là, de quelques individus [...] Communication, relation, information, transmission. Tous ces mots en « tion », ce qu'ils importent de pollution culturelle est à filtrer et à refiltrer. Le moindre geste peut « faire signe » pour un enfant qui vit hors de cet usage de la parole en nous autres invétéré. J'ai écrit: pour, et non pas: à. S'agirait-il d'un art de vivre ?

A presença próxima é um pouco como alguém que se deixa caminhar em sua sombra... Os trajetos de hábito mesmo sendo de hábito, não são independentes do fato de que M. vai, vive, caminha em sua sombra. Uma tentativa é isso. Não é feita para. A gente não estava em Saint-Yorre para Yves, mas ele nos veio. A partir desse momento nós estávamos ligados a ele. É uma outra forma de dizer: causa comum

La présence proche, c'est un peu quelqu'un qui laisse marcher dans son ombre... Les trajets d'usage de Gisèle, bien qu'étant d'usage, ne sont pas indépendants du fait que M. va, vit, marche dans son ombre. Une tentative, c'est ça. Ce n'est pas fait pour. On n'était pas à Saint-Yorre pour Yves, mais il nous est advenu. A partir de ce moment-là, nous avons partie liée. C'est une autre façon de dire: cause commune.

1976

L'Autre pôle

Não se tratava senão de transcrever esses trajetos, para nada, para ver, para não precisar falar deles, das crianças-aí, para eludir nome e sobrenome, impedir os artifícios do ELE necessário assim que o outro é dito.

Il ne s'agissait que de transcrire ces trajets, pour rien, pour voir, pour n'avoir pas à en parler, des enfants-là, pour éluder nom et prénom, déjouer les artifices du IL de rigueur dès que l'autre est parlé.

Le Croire et le Craindre

Uma jangada, você sabe como é feita: existem os troncos de madeira ligados entre eles de maneira suficientemente frouxa, de forma que quando as montanhas de água colidem, a água passa através dos troncos afastados. É assim que uma jangada não é uma embarcação. Dito de outra forma: nós não retemos as questões. Nossa liberdade relativa vem dessa estrutura rudimentar que eu penso que aqueles que a conceberam – eu quero dizer a jangada – fizeram o melhor que eles podiam, ao passo que eles não estavam em condições de construir uma embarcação. Quando as questões colidem, nós não apertamos as fileiras – nós não unimos os troncos – para constituir uma plataforma ajustada. Muito pelo contrário. Nós mantemos apenas o projeto que nos liga. Você vê por aí a importância primordial dos laços e do modo de atrelamento, e da distância mesma, que os troncos podem ter entre eles. É preciso que o laço seja suficientemente frouxo e que ele não solte.

Un radeau, vous savez comment c'est fait : il y a des troncs de bois reliés entre eux de manière assez lâche, si bien que lorsque s'abattent les montagnes d'eau, l'eau passe à travers les troncs écartés. C'est par là qu'un radeau n'est pas un esquif. Autrement dit : nous ne retenons pas les questions. Notre liberté relative vient de cette structure rudimentaire dont je pense que ceux qui l'ont conçue – je veux parler du radeau – ont fait du mieux qu'ils ont pu, alors qu'ils n'étaient pas en mesure de construire une embarcation. Quand les questions s'abattent, nous ne serrons pas les rangs – nous ne joignons pas les troncs pour constituer une plate-forme concertée. Bien au contraire. Nous ne maintenons que ce qui du projet nous relie. Vous voyez par là l'importance primordiale des liens et du mode d'attache, et de la distance même que les troncs peuvent prendre entre eux. Il faut que le lien soit suffisamment lâche et qu'il ne lâche pas.

1979

Carte prise et carte tracée (in *L'arachnéen et autres textes*, 2008)

Eu ouvia, ontem à noite, pela rádio France Culture, dialogarem dois psiquiatras de vanguarda, um italiano, o outro francês, que estavam de acordo sobre essa fórmula segundo a qual seria necessário trabalhar para que todo alienado seja tratado como “sujeito”. De onde a estreita ligação – por eles desejada – entre sua abordagem profissional e aquela dos partidos.

A ouvi-los, eu me sentia bastante sozinho.

Vivendo próximo de crianças autistas, sobre as quais poderíamos pensar que elas se encontram no cúmulo da alienação, e talvez assim o seja, me parece que há duas liberdades: a do sujeito, a única sobre a qual falamos, e isto por uma boa razão, é que essa liberdade aí pode ser falada, e portanto legislada. Resta a outra, a outra liberdade. [...] Onde se descobre o que pode ser da especificidade de uma tentativa que não se situa como precursora das Instituições porvir.

Dito de outra maneira, essa pequena parcela bem minúscula do globo terrestre onde caminham e correm crianças cujos trajetos são traçados, linhas de erro, não pretende semear toda a superfície e não tende de forma alguma a uma globalidade onde o absoluto ideológico se reencontraria, endêmico.

Os mapas, para dizer a verdade, não dizem muita coisa, exceto que o humano, não se sabe de forma alguma o que é, e o comum tampouco.

De onde o fato que ser comunista é justamente o que há de mais difícil nesse universo onde o homem combate e teima, o que é necessário, para elaborar seus direitos, enquanto que o humano comum, o humano da espécie, não sendo dessa natureza cuja linguagem nos dotou, para todo sempre, direitos, não os terá: eles são informuláveis.

J'écoutais, hier soir, à France Culture, dialoguer deux psychiatres d'avant-garde, l'un italien, l'autre français, qui étaient d'accord sur cette formule qu'il fallait œuvrer de manière à ce que chaque aliéné soit traité en « sujet ». D'où l'étroite liaison – souhaitée par eux – de leur démarche professionnelle avec celle des partis.

À les entendre, je me sentais bien seul.

À vivre proche d'enfants autistes, dont on pourrait penser qu'ils sont au comble de l'aliénation, et peut-être en est-il ainsi, m'apparaît qu'il y a deux libertés : celle du sujet, et c'est la seule dont on parle, et ce, pour une bonne raison, c'est que cette liberté-là peut être parlée, donc légiférée. Reste l'autre, l'autre liberté [...]

Où se découvre ce qu'il peut en être de la spécificité d'une tentative qui ne se situe pas en tant que précurseur des institutions à venir.

Autrement dit, cette petite parcelle tout à fait minuscule du globe terrestre où marchent et courent des enfants dont les trajets sont tracés, ligne d'erre, ne prétend pas ensemençer toute la surface et ne tend pas du tout à une globalité

où l'absolu idéologique se retrouverait, endémique.

Les cartes, à vrai dire, ne disent pas grand-chose, sinon que l'humain, on ne sait pas du tout ce que c'est, et le commun non plus.

D'où le fait qu'être communiste, c'est bien ce qu'il y a de plus difficile dans cet univers où l'homme s'acharne et s'entête, et il le faut bien, à élaborer ses droits, alors que l'humain commun, l'humain d'espèce, n'étant pas de cette

nature dont le langage nous a pourvus, à tout jamais, de droits, n'en aura pas : ils sont informulables.

Claude Lévi-Strauss, cité dans *Les détours de l'agir ou le moindre geste*

Eu tenho a sensação de que todas as tragédias que nós vivemos, primeiramente com o colonialismo, depois com o fascismo e enfim com os campos de extermínio, se inscrevem não em oposição ou em contradição com o pretendido humanismo na forma a partir da qual nós o praticamos há vários séculos, mas, eu diria, praticamente em sua continuidade natural, porque é, de certo modo, em um mesmo passo que o homem começou por traçar a fronteira de seus direitos entre ele mesmo e outras espécies vivas, e depois se encontrou levado a colocar essa fronteira no âmbito da espécie humana, separando apenas certas categorias reconhecidas como verdadeiramente humanas de outras categorias que sofreriam então uma degradação concebida sob o mesmo modelo que servia para discriminar as espécies vivas humanas das não humanas. Verdadeiro pecado original que impulsiona a humanidade à autodestruição. O respeito do homem pelo homem não pode encontrar seu fundamento em certas dignidades particulares que a humanidade atribui a si mesma, pois assim, uma fração da humanidade poderá sempre decidir que ela encarna essas dignidades de forma mais eminente que outras. Seria necessário antes colocar uma humildade de princípio: o homem começando por respeitar todas as formas de vida diferentes da sua se protege do risco de não respeitar todas as formas de vida no âmbito da humanidade mesma.”

J'ai le sentiment que toutes les tragédies que nous avons vécues d'abord avec le colonialisme, puis avec le fascisme, enfin les camps d'extermination, cela s'inscrit non en opposition ou en contradiction avec le prétendu humanisme sous la forme où nous le pratiquons depuis plusieurs siècles, mais, dirais-je, presque dans son prolongement naturel, puisque c'est, en quelque sorte, d'une même foulée que l'homme a commencé par tracer la frontière de ses droits entre lui-même et les autres espèces vivantes, et s'est ensuite trouvé amené à reporter cette frontière au sein de l'espèce humaine, séparant certaines catégories reconnues seules véritablement humaines, d'autres catégories qui subissent alors une dégradation conçue sur le même modèle qui servait à discriminer entre espèces vivantes humaines et non humaines. Véritable péché originel qui pousse l'humanité à l'autodestruction. Le respect de l'homme par l'homme ne peut pas trouver son fondement dans certaines dignités particulières que l'humanité s'attribuerait en propre, car alors, une fraction de l'humanité pourra toujours décider qu'elle incarne ces dignités de manière plus éminente que d'autres. Il faudrait plutôt poser au départ une sorte d'humilité principielle : l'homme, commençant par respecter toutes les formes de vie en dehors de la sienne se mettrait à l'abri du risque de ne pas respecter toutes les formes de vie au sein de l'humanité même.



1980

Les fossiles ont la vie dure

Escrever me ajuda a encontrar as palavras necessárias à montagem da jangada, mesmo que a jangada não seja, para dizer a verdade, meu a-fazer. Ela se faz.

Écrire m'aide à trouver les mots nécessaires à l'assemblage du radeau, bien que le radeau ne soit pas, à vrai dire, mon à-faire. Il se fait.

O homem-que-nós-somos tem, como se diz, uma imagem dele mesmo e essa imagem não é propriamente uma imagem, mas um conjunto de imagens, produto de uma naturalização, o homem é ícone dele mesmo, ícone incorporado.

L'homme que nous sommes a, comme on dit, une image de lui-même et cette image n'est pas image à proprement parler, mais imagerie, produit d'une naturalisation, l'homme est icône pour lui-même, icône incorporée

Singulière ethnologie

É a velha história do mau encontro evocado por La Boétie e que não cessa de ser evocado: – mas o poder e seus excessos, de onde vem isso?

Pelo fato mesmo dos excessos e das devastações advindos desse poder dotado de formas diversas, pela cegueira do poder às vezes tirânico, a explicação que surge é a de que vemos a marca da natureza, humana no caso.

Que se trate do poder ou de todos os excessos e extravagâncias, cujo único capaz de cometê-las é o ser consciente de ser, é a natureza que se vê acusada, uma espécie de bestialidade ressurgente apesar da consciência, cujo único defeito seria de se deixar tomar ao avesso por essa natureza ainda mal dominada.

No entanto, seria tão simples estabelecer a correlação, que parece evidente, entre querer – graças ao que o ser consciente de ser se singulariza – e poder, bastando dizer o poder quando o infinitivo se torna uma coisa que tomou uma forma possível de ser descrita.

C'est la vieille histoire de la malencontre évoquée par La Boétie et qui ne cesse d'être évoquée : – mais le pouvoir et ses excès, d'où ça vient ?

De par le fait même des excès et des ravages qui adviennent de ce pouvoir pourvu de formes diverses, de par l'aveuglement du pouvoir quelquefois tyrannique, l'explication qui surgit c'est qu'on y voit la marque de la nature, humaine en l'occurrence.

Qu'il s'agisse du pouvoir ou de tous les excès et extravagances dont le seul être conscient d'être s'avère capable, c'est la nature qu'on voit se pointer, une sorte de bestialité ressurgente malgré la conscience dont le seul défaut serait de se laisser prendre à revers par cette nature toujours mal dominée. Alors qu'il serait si simple de laisser s'établir la corrélation, pourtant évidente, entre vouloir, – ce par quoi l'être conscient d'être se singularise – et pouvoir, quitte à dire le pouvoir quand l'infinitif devient quelque chose qui a pris des formes qui peuvent se décrire.

La Septième face du dé

Havia bem um vazio, um lugar oco, e o que ele contava batia onde era oco, e nós escutávamos a ressonância. Mas o que ele contava não se perdia no oco. As palavras ricocheteavam, permaneciam encadeadas umas às outras, e encadeando uma frase à outra, uma história se formava que decorava a face externa da tigela vazia.

Il y avait bien un vide, un creux, et ce qu'il racontait frappait là où c'était creux et nous écoutions la résonance. Mais ce qu'il racontait ne se perdait pas dans le creux. Les mots ricochaient, ils restaient enchaînés les uns aux autres, et en enchaînant une phrase à l'autre, ça faisait une histoire qui décorait la face extérieure de l'écuelle vide.

L'homme sans convictions (inédito)

[...] todo nome que não permanece aquele de um alguém e se lança em deriva, se põe a ricochetear, nem que seja na vitrine das livrarias, é capaz de evocar uma entidade [...]; isso explicaria por que eu sou levado sem cessar a reconstituir essa unidade continuamente esmigalhada, dispersada, aquilo que acontece ao assinar um livro ou um texto. Eu escrevo meu nome. Eu escrevo meu nome, nome balão que se mantém em suspenso em função das convicções dos outros. De onde o fato que me parece não mais haver nem convicções nem nomes próprios. A Caridade, a Justiça, a Democracia, a Liberdade são entidades maiúsculas, e meu nome, dentre outros, inumeráveis, uma entidade minúscula.

Essas entidades são como astros: mortos, apagados há milênios, ainda se percebe sua luz. No que concerne as notoriedades minúsculas, se produz o fenômeno inverso: decorre a supressão daquilo que deveria supostamente emanar delas, a morte prematura do ser existente. Pode-se dizer que escrever é, de certa forma, assinar sua morte, ou ao menos, um certificado de não-existência.

[...] tout nom qui ne reste pas celui de quelqu'un et se met à dériver, à ricocher, ne serait-ce que dans la vitrine des libraires, en arrive à évoquer une entité [...]; ce qui expliquerait pourquoi je suis sans cesse ramené à reconstituer cette unité sans cesse émietée, éparpillée, ce qui revient à signer un livre ou un texte. J'écris mon nom.

J'écris mon nom, nom mongolfière, qui tient en suspens de par ces convictions des autres. D'où le fait qu'il me semble ne plus en avoir, ni de convictions, ni de nom propre.

La Charité, la Justice, la Démocratie, la Liberté, sont des entités majuscules, et mon nom, parmi d'autres, innombrables, une entité minuscule.

Il en est de ces entités comme des astres: morts et éteints depuis des millénaires, on en perçoit toujours la lumière. Pour ce qui concerne les notoriétés minuscules, il se produit le phénomène inverse: ce qui est supposé en émaner nécessite la suppression, le meurtre prématuré de l'être existant. Ce qui peut se dire qu'écrire, c'est, d'une certaine manière, signer sa mort, ou, tout au moins, un certificat de non-existence.

1989

"Ce qui ne se voit pas"

Ora, talvez a imagem seja do reino animal... [...] É pela imagem que a espécie persiste apesar de tudo... é um traço... um traço que aguarda, à espreita.

Or, il se pourrait que l'image soit du règne animal...[...] L'image est ce par quoi l'espèce persiste malgré tout...c'est une trace...une trace qui attend, aux aguets.

Um garoto autista não faz nada: é o agir. Isso se vê claramente. Se vê para quem tem o olhar, para quem vive com crianças autistas. O mesmo se passa com a imagem: uma imagem, no meu jargão, não se "faz". Uma imagem chega, ela não é senão coincidência. Ora coincidência, a imagem, no sentido que eu compreendo, a imagem própria, é autista. O que eu quero dizer é que ela não fala. A imagem não diz nada! E... do mesmo modo ao que diz respeito às crianças autistas, uma razão a mais para que todo mundo a faça dizer alguma coisa.

Un gamin autiste ne fait rien: c'est de l'agir. Ça se voit très fort. Ça se voit pour qui a l'œil, pour qui vit avec des gamins autistes. De même pour l'image: une image ça ne se "fait" pas dans mon jargon. Une image arrive, elle n'est que coincidence...

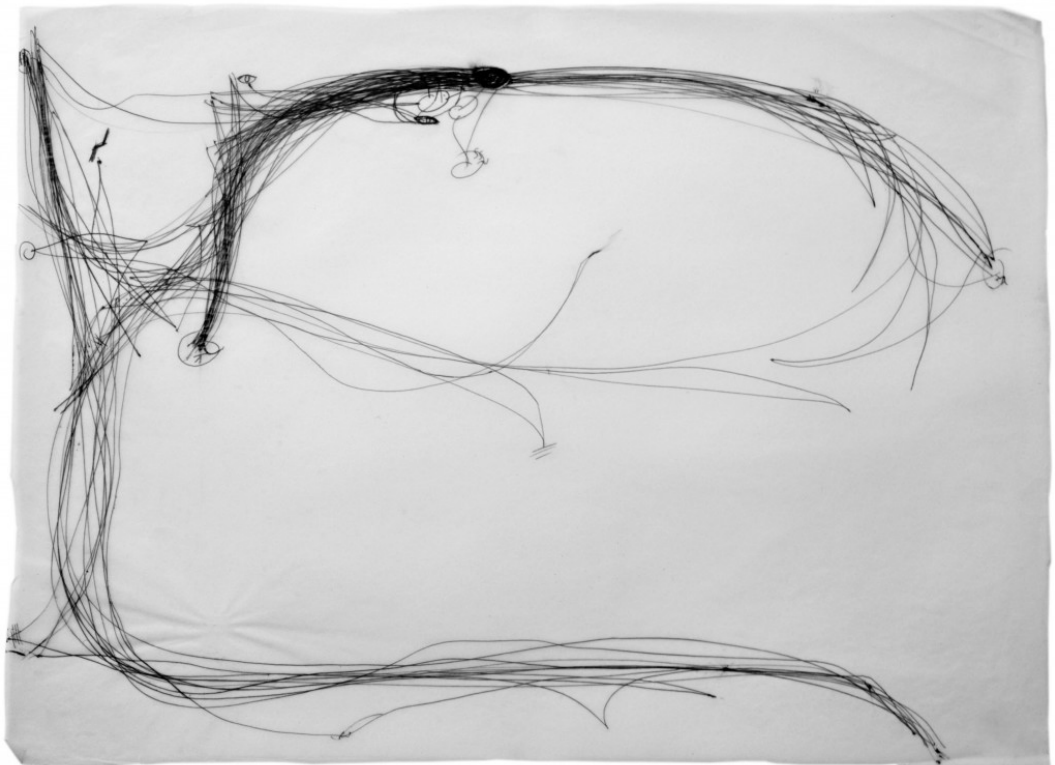
Or coincidence, l'image au sens où je l'entends, l'image propre, est autiste. Je veux dire qu'elle ne parle pas. L'image ne dit rien! Et...comme pour ce qui concerne les enfants autistes, raison de plus pour que tout le monde

1996

Texte inédit, sans titre (IMEC, DGN 18, pp. 12-13)

O que eu posso dizer agora que eu estou em meu octogésimo-terceiro ano, é que as imagens da profundidade do meu ser se conduzem como essas bestas que vivem em um pântano; elas se matam entre si, se devoram, ou mais ainda se devoram todas vivas ou se acasalam quando encontram seus pares. De onde o fato que eu não pude jamais admitir o inconsciente segundo Freud; o lugar estava ocupado. Eu fico emocionado quando eu encontro a vida dessas imagens que se movem em mim, emocionado até as lágrimas que nunca escorrem. Eu nunca ouvi falar dessas imagens que nos assombram; elas me povoam assim que me disponibilizo a sua presença proliferante; eu estou então muito longe dos outros e pronto para escrever. Acontece de eu me pôr a escrever, o que faço nesse instante, minha mão tão estranha quanto tudo o que posso ver, chegando em movimentos convulsivos que a conduzem por caminhos familiares; no coração desses movimentos, a imagem viva que se move como a lava no coração dos vulcões; mas partindo por esses caminhos, eu perderei quem me lê. É preciso voltar ao universo que lhe é costumeiro para então repartir em direção à imagem, se a narrativa me oferecer alguma falha.

Ce que je peux dire alors que je suis dans ma quatre-vingt troisième année, c'est que les images dans le fin fond de mon être se conduisent comme ces bêtes qui vivent dans un marais ; elles s'entretuent et se dévorent ou plutôt se dévorent toutes vivas ou s'accouplent quand elles rencontrent la même qu'elle. D'où le fait que je n'ai jamais pu admettre l'inconscient selon Freud ; la place était occupée. Je suis ému quand je retrouve la vie de ces images qui se meuvent en moi, ému aux larmes qui jamais ne coulent. Je n'ai jamais entendu parler de ces images qui nous hantent ; elles me peuplent lorsque je me prête à leur présence proliférante ; je suis alors très loin des autres et prêt à écrire. Il arrive que je m'y mette, ce que je fais pour l'instant, ma main aussi étrange que tout ce que je peux voir, animée de mouvements convulsifs qui la mènent sur des chemins familiers ; au cœur de ces mouvements, l'image vive qui se meut comme la lave au cœur des volcans ; mais à partir sur ces chemins, je vais perdre qui me lit. Il me faut revenir à l'univers qui lui est coutumier quitte à repartir vers l'image si le récit m'offre quelque faille



Deligny, Wander Lines, Cuisine - 04

comitê científico

Catherine Perret (Université Paris 8)
Guillaume Sibertin-Blanc (Université Toulouse II-Le Mirail)
Bertrand Ogilvie (Université Paris 8)
Pascal Sévérac (Université de Paris-Est Créteil)
Pierre-François Moreau (ENS Lyon)
Luiz Eduardo Aragon (PUC SP)
Marlon Miguel (Université Paris 8)
Maurício Rocha (Direito PUC Rio)
Noelle Coelho Resende (Direito PUC Rio)
Maxime Rovere (Filosofia PUC Rio)
Ana Paula Veiga Kiffer (Letras PUC Rio)
Eduardo Passos (Psicologia UFF)
Peter Pal Pelbart (Filosofia / Psicologia PUC SP)
Bernardo Carvalho Oliveira (Educação UFRJ)
Sandra Alvarez de Toledo (Éditions de l'Arachnéen)

comitê de organização

Marlon Miguel (Université Paris 8)
Maurício Rocha (Direito PUC Rio)
Noelle Coelho Resende (Direito PUC Rio)
Eduardo Passos (Psicologia UFF)
Rafael Cataneo Becker (Direito PUC Rio)
Bernardo Carvalho Oliveira (Educação UFRJ)
Ana Paula Veiga Kiffer (Letras PUC Rio)

realização



PSICOLOGIA UFF

apoio



produção gráfica infojur / arte karina yamane